

## **Fatores de reprodução e diferenciação da agricultura familiar da microrregião do Alto Taquarí no Rio Grande do Sul**

O objetivo do presente trabalho é apresentar algumas considerações sobre a Agricultura Familiar dos municípios da microrregião do Alto Taquarí, o seu surgimento e as implicações nas estratégias de reprodução que determinados fatores de diferenciação geram sobre estes, especialmente nas últimas três décadas.

A microrregião do Alto Taquarí localiza-se na região nordeste do Rio Grande do Sul. Nesse estado, a agricultura familiar tem relevante importância na geração de empregos e melhor distribuição de renda, dinamizando a indústria e comércio e na mobilização de produtos e recursos, gerando divisas diretas via exportação. A falta de informações, no Brasil, sobre essa categoria social, pode ser atribuída à ‘força de um paradigma teórico’ que associa a agricultura familiar ao atraso tecnológico e ao baixo nível de vida. Isso, no entanto, não é o que se verifica: a agricultura familiar é altamente integrada a mercados, bem como incorpora os principais avanços tecnológicos.

Além disso, a agricultura familiar é a principal base econômica da maioria dos municípios do Alto Taquarí, assim, através do presente estudo, pretende-se contribuir para a identificação da sua dinâmica de reprodução e diferenciação numa perspectiva histórica.

O surgimento da agricultura familiar na serra gaúcha tem origem na emigração européia para o Brasil, mais especificamente, a de imigrantes italianos. Em 1875 chegam ao Rio Grande do Sul os primeiros imigrantes, ocupando pequenos lotes de terra – de 25 a 30 hectares – passam a derrubar a mata existente e a cultivá-la num sistema “primitivo” chamado de “rotação de terras”. A pressão populacional e o esgotamento do solo, devido cultivo sucessivo sob técnicas rudimentares, levaram a constantes migrações para zonas pioneiras.

A microrregião do Alto Taquarí, ocupada pelo deslocamento interno de colonos imigrantes e seus descendentes, no início do século XX, localizava-se em um ambiente de isolamento em relação à possibilidade de escoamento da produção. Desta forma, as relações sociais e econômicas daí resultantes, só podem ser consideradas respostas às especificidades do ambiente local e a sua relação com os estímulos externos.

Os fatores de diferenciação, por um lado, podem ser internos à família, tais como: estrutura fundiária (o tamanho e a qualidade da área disponível); a composição demográfica da família (quantidade e qualidade da mão-de-obra/nível de consumo); qualidade do solo. Por outro lado, têm-se fatores externos, tais como: a localização em relação a mercados; o acesso ao “progresso técnico” e à assistência técnica; as políticas agrícolas vigentes e acesso ao crédito; a natureza dos vínculos mercantis estabelecidos (cooperativas, indústrias, atravessadores, etc.) e a capacidade de organização social (capital social).

Em ambientes onde a organização familiar, face às mudanças nas condições de produção, encontra condições para recorrer a fontes de renda alternativas e complementares à agricultura, há a conformação das estratégias de reprodução condizentes com a realidade em questão, como é o exemplo da pluriatividade em ambientes próximos a centros urbanos. Frente ao contexto histórico de expansão capitalista sobre a agricultura, os agricultores familiares do Alto Taquarí foram conduzidos a uma crescente mercantilização da produção.

Os dados utilizados no estudo do presente resumo, provêm do Censo Agropecuário nos anos de 1970 a 1995, de entrevistas com agricultores e técnicos da região e outros trabalhos que apresentam relativa similaridade com o tema.

Autor: Dorlei Marcos Cole

Instituição: Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural – PGDR/UFRGS

Endereço: Av. João Pessoa 41/307

Porto Alegre RS

Cep: 90040-000

Endereço eletrônico: [dorlei2000@yahoo.com.br](mailto:dorlei2000@yahoo.com.br)

Sessão temática: 2